OOLHARANTROPOLÓGICODAFISIOTERAPEUTA:RELATODEEXPERIÊNCIANUMADEAM

Mariana Pinto da Fontoura [1]

Alinne de Lima Bonetti [2]

Resumo:

Objetivo: como futuros profissionais da área da saúde devemos estar preparados e sermos orientados cotidianamente em nossa graduação sobre assuntos que nossa sociedade insiste em não dialogar, e que a maioria das mulheres sofrem diariamente, como por exemplo, violência de gênero, violência contra a mulher, feminicídio. Método: ao final do componente de Antropologia do Corpo e da Saúde, como avaliação final, foi proposta uma atividade teórico-prática no formato de uma mini-pesquisa etnográfica cujo tema foi a compreensão da dinâmica de funcionamento de algum local relacionado à área da saúde. Escolhi a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) para a realização da atividade. Resultados: a fisioterapia foi evidenciada como uma profissão que viabiliza a reabilitação, com sua autonomia no pós tratamento, sem a perspectiva preventiva. A contribuição deste exercício etnográfico na formação da autora é na construção de uma nova metodologia de atendimento, na busca pelo diálogo, escuta, vivências e promoção do autocuidado. Conclusões: os paradigmas que, às mulheres é imposto, traz consigo normas e condutas veemente cruéis. As mulheres precisam de respeito, que a sociedade julgadora enxergue a nossa realidade, exercitando sua alteridade.

Palavras-chave: FISIOTERAPIA;ANTROPOLOGIA;VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER.

Modalidade de Participação: Iniciação Científica

OOLHARANTROPOLÓGICODAFISIOTERAPEUTA:RELATODEEXPERIÊNCIANUMADEAM

[1] Aluno de graduação. marifontoura02@hotmail.com. Autor principal

[2] Docente. alinne.bonetti@gmail.com. Orientador

O OLHAR ANTROPOLÓGICO NA FORMAÇÃO DA FISIOTERAPEUTA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM EXERCÍCIO ETNOGRÁFICO NUMA DEAM

1 INTRODUÇÃO

Como futuros profissionais da área da saúde devemos estar preparados e sermos orientados cotidianamente em nossa graduação sobre assuntos que nossa sociedade insiste em não dialogar, e que a maioria das mulheres sofrem diariamente, como por exemplo, violência de gênero, violência contra a mulher, feminicídio.

"A Organização Mundial da Saúde (OMS) possui o entendimento de saúde como completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade (CONSTITUIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1946). Nossos pacientes são muito mais que uma doença, estamos aqui para prevenir e promover a saúde e as taxas altíssimas de feminicídio denotam um descaso com a saúde das mulheres brasileiras.

Importa explicitar o impacto desta violência. Segundo a Comissão Especial dos Direitos da Mulher - Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, citando o Mapa da Violência 2015, "o Brasil ocupa o 5° lugar no mapa mundial da violência contra mulher. São 13 mulheres mortas por dia, e 1/3 destas, são mortas pelo parceiro ou ex-parceiro. Na última década, as taxas de feminicídio aumentaram em torno de 20% no Brasil e no Rio Grande do Sul; o número mais alarmante, porém, é o resultante da relação entre feminicídio e a cor da vítima: os feminicídios de mulheres negras aumentaram assustadores 54,2% em uma década. [..] Nossa sociedade continua matando mulheres pelo único motivo de serem mulheres e serem consideradas objeto de posse, [..] perpetuando a cultura da exclusão, da dominação, da violência e do feminicídio". (p.8-9)

Quando decidimos trabalhar na área da saúde, a preocupação com o outro está constantemente presente em nossas vidas, não queremos apenas curar doenças e sim compreender as esferas psicológicas e socioculturais que interferem diretamente no bem estar de nossos e nossas pacientes. A violência contra mulher vêm crescendo a cada ano, com dados altíssimos, e como profissionais e seres humanos não podemos nos distanciar desta realidade; é necessário ver o que nos compete em cada área para auxiliar e conseguir acolher da melhor forma estas mulheres.

Em vista disto, no componente curricular de Antropologia do Corpo e da Saúde, no curso de Fisioterapia na Universidade Federal do Pampa - Campus Uruguaiana, no segundo semestre de 2017, aprendemos conceitos que contribuiram para refletir sobre a relação entre fisioterapia/promoção da saúde/violência contra a mulher.

O objetivo central da Antropologia é o de contribuir para a compreensão das diferenças; isto é, nos faz sair do nosso reduto de conforto de forma a aprender com a cultura do outro. Para tanto a antropologia nos traz conceitos, como etnocentrismo, que nos ajudam a problematizar a relação entre culturas. De acordo com Everardo Rocha (1994), o conceito de etnocentrismo diz respeito a uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc. Perguntar sobre o que é etnocentrismo é, pois, indagar sobre um fenômeno onde se misturam tanto elementos intelectuais e racionais quanto elementos emocionais e afetivos. O antídoto para o etnocentrismo é a postura relativista, isto é, olhar o mundo a partir dos "olhos" do outro, realizando o exercício da alteridade, sem julgamentos e

inferiorização das duas partes; alteridade, ou diferença, é trocar experiências, enriquecer culturalmente, vivenciar aquilo que não imaginávamos.
Assim, com esta análise, venho apresentar uma reflexão sobre o aprendizado antropológico na formação do fisioterapeuta e demais profissionais da área da saúde, por meio do exercício etnográfico realizado na Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) - Uruguaiana, levando em conta as questões relacionadas à violência contra mulher, conforme exposto acima.

2 METODOLOGIA

Ao final do componente de Antropologia do Corpo e da Saúde, com avaliação final, foi proposta uma atividade teórico-prática no formato de uma mini-pesquisa etnográfica cujo tema foi a compreensão da dinâmica de funcionamento de algum local relacionado à área da saúde. A atividade se traduzia em ir, observar, dialogar, identificar como funciona o espaço, as pessoas que fazem parte, as regras e códigos do mesmo.

A pesquisa etnográfica tem como foco a intersubjetividade, ouvir o outro, entendendo sua comunidade, seus grupos sociais, sua cultura, tendo trocas de experiências e a partir disso ter uma nova opinião. Para captação destes dados é preciso a observação participante, entrevistas semi-estruturadas e o caderno/diário de campo como material auxiliar. Na observação participante, a pesquisadora e o pesquisador observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Escolhi a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) para a realização da atividade. Cada estudante deveria criar perguntas direcionadas sobre o atendimento e para os profissionais que no local trabalhavam para melhor compreender o funcionamento do local e, no meu caso, relacioná-lo com a prevenção e promoção da saúde das mulheres. Elaborei um roteiro de questões para entrevista, tais como: idade; etnia; religião; profissão; escolaridade; situação conjugal e número de filhos(as); há quantos anos trabalha na DEAM; em quais outros setores da polícia trabalhou; qual a diferença entre os dois locais de modo a construir o perfil da pessoa entrevistada de maneira a melhor compreender as respostas dadas. sobre o serviço, foram perguntadas: data de criação da DEAM; qual a finalidade deste órgão; Como é o processo de atendimento a mulheres vítimas de agressão (física, sexual, verbal, psicológica); As vítimas recebem segurança e acolhimento neste estabelecimento?; Este órgão representa você, por quê; Como você acha que fica a saúde de uma mulher que foi agredida; você acha que ela consegue se recuperar; Em sua opinião, porque as mulheres ainda sofrem agressões e violação de seus direitos por parte dos homens; Se fosse agredida, procuraria imediatamente a delegacia da mulher, por quê; Como este órgão contribui para combater a violência contra mulher; Como a mulher é vista na sociedade brasileira, e em Uruguaiana; Qual a importância da lei Maria da Penha no combate da violência contra a mulher.

Ao todo foram três dias de visita ao local, todos pelo turno da tarde no horário comercial de funcionamento. As entrevistas tiveram um total de quatro participantes, todas e todos funcionários da DEAM.

Todas as perguntas contidas no roteiro e respondidas pelos participantes foram registradas no diário de campo, uma ferramenta que utilizamos para realizar os apontamentos sobre tudo que observamos, este seria o nosso exercício etnográfico, realizando uma análise comparativa entre os textos debatidos em sala de aula e a realidade vivenciada no estudo de campo.

A última etapa do trabalho era entregar o diário de campo no mesmo dia da apresentação oral em sala de aula, onde explanamos um pouco sobre os trabalhos para ser de conhecimento de todas e todos da turma.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

De forma geral, os componentes curriculares do campo das Ciências Humanas, tais como a Antropologia do Corpo e da Saúde, não são encarados com seriedade pelos acadêmicos e pelas acadêmicas das Ciências da Saúde, em que o modelo biomédico é predominante.

Contudo, o profissional da área da saúde deve conhecer seu e sua paciente, percebe-la e percebe-lo como um todo e não enxergar apenas mais um prontuário; precisamos imergir no mundo deles e assim o respeito é construído gradativamente. Segundo Sumiya Alberto (2009) percebeu-se que tal paciente possuía uma história além da história clínica e que oferecia subsídios importantes para caracterizar o entendimento da doença como resultado do entorno social do indivíduo, sendo assim uma entidade que não poderia ser pensada em separado. O indivíduo precisa ser visto de várias formas, cada sujeito é único com suas particularidades, e dizer que todos devem ter o mesmo tratamento com as mesmas condições curativas, estamos enganando a nós mesmos quanto profissionais e principalmente os nossos pacientes.

Todo ser humano tem sua complexidade e deve ser estudado desta maneira, e assim que a antropologia traz seus questionamentos, existimos para vivenciar e compartilhar experiências, e consequentemente adquirir como novos conhecimentos junto ao outro, exercitando a alteridade e descartando os julgamentos.

A fisioterapia foi evidenciada como uma profissão que viabiliza a reabilitação, com sua autonomia no pós tratamento, sem a perspectiva preventiva. A contribuição deste exercício etnográfico na formação da autora é na construção de uma nova metodologia de atendimento, na busca pelo diálogo, escuta, vivências e promoção do autocuidado.

Entendi que a fisioterapia pode auxiliar em várias demandas que surgirem ao longo da carreira, seja no momento de promoção, prevenção ou tratamento deste paciente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados percentuais de violência de gênero, feminicídio aumentam a cada ano, a construção de um modelo de promoção a saúde das mulheres precisa ser pensado, a reeducação social e o diálogo sobre gênero tem um papel fundamental no entendimento desta nova realidade que as mulheres estão construindo para suas vidas.

Nesta sociedade etnocêntrica em que vivemos, onde a construção do nosso País teve seu embasamento na destruição de uma cultura originária, sempre com imposições e a autoridade sobre o outro, assim ensinamos as futuras gerações que a diferença deve ser vista com estranheza aos nossos olhares, porque não conseguimos compreender o diferente, manifestando em nosso meio as intolerâncias e o sexismo. Os paradigmas às mulheres que é imposto, traz consigo normas e condutas veemente cruéis. As mulheres precisam de respeito e que a sociedade julgadora enxergue a nossa realidade, exercitando sua alteridade.

Através desta pesquisa etnográfica realizada na Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher, percebi o quanto as mesmas estão desamparadas pelo poder público, a saúde não é tratada com prioridade, faltam investimentos, recursos e redes de apoio específicas ao atendimento à mulher para fazer cumprir seus direitos.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA VIRTUAL DE DIREITOS HUMANOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Constituição da Organização Mundial da Saúde em 1946. Disponível em:<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-

Organiza%C3%A7%C3%A3oMundial-da-Sa%C3%BAde/constituicao-daorganizacao-mundial-da-saudeomswho.html>.

LEWANDOWSKI, T; ARAGON, I, B, M; SALLES, F, R. Mulheres, direitos e rede de atendimento. Comissão Especial dos Direitos da Mulher. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2015.

ROCHA, E, P, G. O Que É Etnocentrismo? Editora Brasiliense. 5.ed. São Paulo, 1988.

SUMIYA, A. Mudanças curriculares e a noção de corpo no curso de Fisioterapia da Universidade Estadual de Londrina. Revista Brasileira Estudos Pedagógicos., Brasília, v. 90, n. 224, p. 160-175, jan./abr. 2009.